

MAITE CARRANZA

•AUTORA PREMIADA•

O
FILME
DA
MINHA
VIDA

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

	O jogo de viver	11
1	A luz	14
2	A escola	20
3	Contas por pagar	28
4	A vizinha	35
5	Os móveis	38
6	O filme	46
7	As leis injustas	52
8	O terramoto	58

SEGUNDA PARTE

9	A Judith	69
10	Os «okupas»	74
11	A rua	78
12	Os vizinhos	85
13	A nova escola	92
14	A assistente social	99
15	A família	105
16	A ONG	112
17	A artimanha	117
18	O hospital	125
19	A Mamafatou	131
20	O mês	135

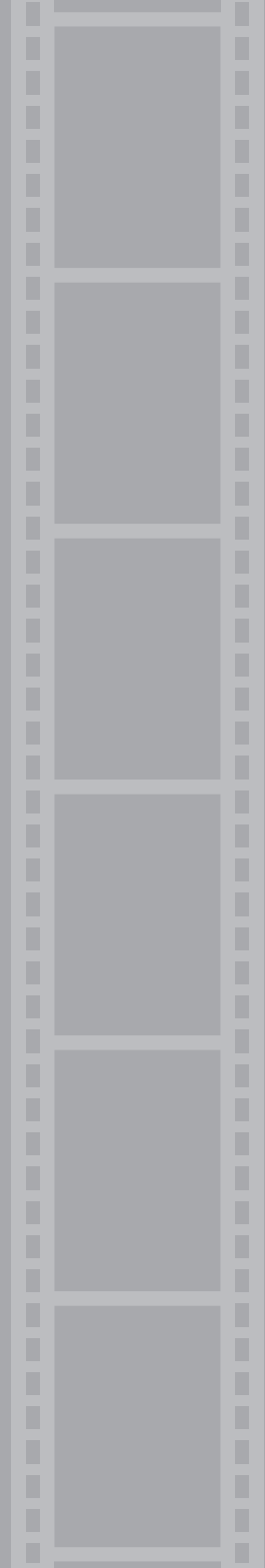
TERCEIRA PARTE

21	A chuva de ideias	145
22	As ilusões	151
23	O casting	157
24	A raiva	165
25	O fim	169
26	O Sergi	175
27	A descoberta	182

AGRADECIMENTOS

*Para o pequeno Marc Carranza,
que acaba de se estrear no filme
da sua vida*

PRIMEIRA PARTE





O jogo de viver

A Olívia considera-se uma menina como qualquer outra. Nem melhor nem pior do que as suas amigas, nem mais sortuda nem mais azarada. Sabe que a vida lança as cartas ao acaso, que cada um tem de jogar com as suas, e que não se pode fazer batota, porque é muito feio.

À Olívia calhou-lhe uma mãe atriz, um pai ausente, um irmão medroso, uns avós misteriosos, uns vizinhos irritantes, umas amigas picuinhas, uma escola particular, uma televisão avariada, e um apartamento no Eixample, pequeno e bonito, virado para sul.

Se a Olívia tivesse metido o nariz nesta apresentação, talvez quisesse acrescentar muitas outras coisas que pensava serem importantes. Por exemplo, a coleção de pedras

vulcânicas que começou a fazer quando subiu ao Teide¹, ou a bicicleta azul com que aprendera a pedalar e que ofereceu ao Tim, ou a biblioteca de livros de aventuras herdada do avô da parte da mãe, e que lhe fez companhia durante toda a infância... e tantas, tantas outras coisas que ela pensava que teria sempre. Mas isso foi antes de começar esta história.

Neste momento, a Olívia já não daria tanta importância a estas ninharias. Agora ela sabe que muitas vezes as lembranças cabem num bolso, e que os objetos, tal como as palavras, leva-os o vento, e que tudo isso que as pessoas normais acham que é imutável talvez não seja.

A vida é um poço de surpresas, e de um dia para o outro pode acontecer que as coisas que até agora eram sólidas e se aguentavam de pé, como a Torre Eiffel, o Empire State Building ou o Hotel Arts, se desmoronem de repente e fiquem em pedaços.

A Olívia aprendeu que os terremotos não abanam só cidades, montanhas e vales e aparecem nas notícias. Também há movimentos sísmicos pessoais que afetam muitas famílias, mas que ficam escondidos dentro das casas e dos quais ninguém se apercebe. É claro que não são notícia, e não interessam a ninguém.

A Olívia sabe que pode acontecer que um dia, podendo ser normal como qualquer outro, não o seja. Não há qualquer aviso no céu que diga ATENÇÃO, TENHAM CUIDADO OU AS COISAS ACABARÃO MAL! Os bombeiros não

¹ O Teide é um vulcão da ilha de Tenerife, parte do arquipélago das Canárias, uma Região Autónoma do Reino de Espanha no Oceano Atlântico. [N. T.]

vêm com a sirene ligada a todo o gás para resgatarem os acidentados. Também não há filas de gente a dar sangue para as vítimas.

Mas nesse dia especial, que fica camuflado entre muitos outros, as coisas mudam de lugar, de nome, de valor, até que, de repente, o chão se afunda debaixo dos pés e o mundo conhecido, aquele que existia até então, desaparece em poucos segundos.

Conseguem imaginar?

A Olívia, que o viveu, também não conseguia imaginar.



1. A luz

Esta tarde faltou a luz em casa. Eu estava na internet, a pesquisar vários sites, porque tinha de reunir informação sobre a Austrália, para uma apresentação que tenho de fazer amanhã na aula de Ciências Sociais. Já tinha o trabalho quase concluído quando, de repente, *plaf*, o monitor ficou todo preto.

E não, não o tinha guardado.

E, é claro, perdi tudo.

TUDO quer dizer duas horas de trabalho, pelo menos. Eu estava contente porque tinha encontrado e escrito um montão de coisas sobre os aborígenes australianos, que pelos vistos são uns indígenas que vivem naquele continente há mais de 40 mil anos. E também tinha aprendido que os

primeiros europeus que lá chegaram foram os ingleses, e que utilizaram o país como prisão, a fim de mandarem os delinquentes para muito longe. Eu até tinha descoberto que o nome da Austrália vem de austral, ou seja, «do sul».

Fiquei muito chateada, mesmo, mesmo muito.

— Mamã! A luz! — gritei.

Pensei que talvez a mãe estivesse a passar a ferro e se tivesse esquecido de que a máquina de lavar estava ligada. Às vezes acontece saltarem os fusíveis, quando temos mais de dois ou três aparelhos a funcionar ao mesmo tempo. A mãe diz que é por excesso de quilowatts, e que não podemos consumir tanta eletricidade ao mesmo tempo, e por isso ralha comigo e com o Tim quando deixamos o computador ou a televisão ligados, e manda-nos apagar todas as luzes quando saímos de casa. Ultimamente anda muito mal-humorada.

— Mamã! Tenho medo! — gritou o Tim na sala de jantar.

O Tim é um medroso, e veio às apalpadelas até ao meu quarto. Deixei que ele se deitasse em cima da minha cama, mas não quero que a suje, e por isso pus-lhe como condição que tirasse os sapatos. Nem piou. O pobre coitado tinha ficado a meio dos desenhos animados na televisão, que está sempre avariada, e ficou frustrado.

— *Blhec!* Os teus pés cheiram tão mal! — exclamei, sem me conseguir conter.

Como é que é possível os pés de um miúdo de 7 anos serem como camemberts?

O Tim não se defendeu, não me chamou burra, nem esfregou os pés na minha cara para me chatear, como às vezes faz. Ficou calado que nem um morto. Eu também.

Tudo estava escuro e silencioso, estranhamente vazio. Fazia impressão. O tempo parou por momentos, como se a vida estivesse a passar em câmara lenta. O mundo sem luz tem uma dimensão diferente, é como um buraco negro que nos suga para o desconhecido.

— Mamãããã! — gritámos os dois ao mesmo tempo, um pouco assustados, visto que a luz não voltava magicamente, como outras vezes.

Mas o nosso grito não produziu o efeito esperado. Não se acendeu nenhuma lâmpada nem se ouviu *piiiip*, nem tudo voltou a ser como antes. A mãe nem sequer nos respondeu.

Passado um bocado, ouvimos o *toc-toc* dos seus passos a aproximarem-se no corredor. A mãe vinha com duas velas acesas, uma em cada mão, muito devagarinho, com medo de que o lume lhe queimasse o cabelo, e prestava atenção para que a cera que delas pingava não caísse no chão. A sua sombra era comprida e sinuosa como uma cobra, e movia-se para cima e para baixo. Parecia um espectro. O Tim agarrou-me na mão com muita força e guinchou como um animalzinho assustado.

— Mamã? — perguntou, desconfiado.

Como se não acreditasse que era ela, para estar mais seguro.

E talvez ele tivesse razão, porque a mãe, às escuras, parecia mais magra e mais branca do que nunca.

— Quem é que pensas que sou? — respondeu a voz da mãe, enquanto deixava uma vela em cima da minha mesa.

— Pareces um fantasma — ousou dizer o Tim.

O Tim tem 7 anos e diz as coisas tal como as pensa.

— O que é que aconteceu? — perguntei eu, intrigada.

— Uma avaria, não sabem quando vão poder arranjá-la.

— No prédio todo?

— Não, parece que é um problema aqui, só cá em casa.

Caiu-me o mundo em cima.

— Mas e o meu trabalho? Como é que faço o trabalho? Tenho de o apresentar amanhã! A Núria e a Bet vão zangar-se comigo!

E imaginei as caras que as minhas colegas iriam fazer quando eu lhes dissesse que tinha ficado sem luz precisamente antes de imprimir o trabalho, e sem o ter gravado sequer numa reles *pen*.

A mãe não me respondeu. Não soube o que dizer-me. Claro, ela amanhã não tem de ir à escola e não vai ter de ver a cara do professor. Para ela é tudo muito fácil.

— Se amanhã continuarmos sem luz, podes ir trabalhar à biblioteca — sugeriu-me baixinho, depois de um bocado que me pareceu uma eternidade.

Passei-me, claro.

— Como assim? Amanhã? Queres dizer que a avaria amanhã ainda não estará arranjada?

— Não sei, Olívia, não sei — respondeu ela, com voz de chateada.

E voltou para trás, iluminando o seu caminho com a outra vela.

— Mas, mas... — Virei-me, nervosa, e gritei-lhe para que ela me ouvisse: — Eu preciso de carregar o telemóvel, de ver a série dos robots, e de ter a camisola verde passada a ferro para amanhã e...

— Eu também preciso de muitas coisas e não as tenho! — replicou a mãe, num tom de voz que não admitia mais queixas.

As mães têm esta forma de cortar as revoltas pela raiz. Se dissermos que queremos uma coisa, elas dizem que querem duas.

E não é verdade.

Ela não se senta ao lado da Neus, que torce sempre o nariz quando lhe cheira a suor. Ela não tem o cabelo frisado como eu, que se não o alisar, parece que me caiu uma bomba de neutrões na cabeça. Ela não tem dez grupos no *Whatsapp* que comentam a série da noite e as fotos do *Instagram*. Ela não é como eu e, portanto, os seus problemas não são como os meus. Os dela são infinitamente mais simples.

— Como é que a mamã ligará o micro-ondas? — perguntou o Tim, muito ajuizadamente.

Apesar de ser pequeno, às vezes pensa, e desta vez tem toda a razão. É que a mãe não cozinha, a mãe tira as coisas do congelador e mete-as diretamente no micro-ondas.

Então o que é que vamos jantar? E como é que lavamos a roupa sem máquina de lavar a roupa? E como é que vou

secar o cabelo sem secador? E como é que vamos passar a ferro? E como é que carrego o meu telemóvel? E o portátil?

— Coitada da mamã, está sozinha na cozinha e às escuras — choramingou o Tim.

Talvez pareça um menino compassivo, mas estava cheio de medo e não foi capaz de ir fazer companhia à mãe.

— Não tenho nem um bocadinho de pena — disse eu, aborrecida.

E esta não era uma frase daquelas que se dizem e pronto. As pessoas grandes são grandes porque já viveram muito e sabem o que fazem. A mãe pode decidir, agir, escolher, mexer e fazer o que quiser com a sua vida. Se as coisas correrem mal, ela não pode deitar a culpa aos outros.

Eu, em compensação, sou uma estudante do 6.º ano do ensino básico. Só tenho 12 anos, e não posso votar, nem comprar um cão, nem viajar de avião sozinha. Para começar, nem as chaves de casa tenho.

A culpa é dela e pronto!



2. *A escola*

Na escola não acreditam em mim. Não acreditam que em casa estamos há uma semana sem eletricidade e que a mãe não consegue que a companhia nos arranje a avaria.

— E como é que vocês fazem para jantar? — perguntou-me a Meritxell, com insolência.

— Pão com tomate e atum, e sumo de laranja com ananás — respondi.

— E mais nada?

— Tu já sabes que a minha mãe é atriz.

Ter uma mãe atriz é ter uma resposta para tudo. É bom para calar as amigas descaradas. Uma mãe atriz faz coisas excêntricas e diferentes das outras mães, como dormir de

manhã e trabalhar de noite, andar de moto, vestir-se com roupa de feira, usar o cabelo às cores, pentear a filha — ou seja, eu — como a Pipi, fazer sandes frias de croquetes ou pegar numa carrinha e ir com os filhos de férias para a Bretanha apanhar conchas, comer crepes e ver dólmens.

Cola sempre.

Diga eu o que disser da mãe, cola sempre, porque é atriz e já apareceu na televisão. Era a cabeleireira Eva Tuixent, da telenovela da hora de almoço, e foi muito famosa no seu tempo. Enfrentava sozinha os mafiosos do seu bairro que traficavam coca, um grupo de Schwarzeneggers armados até aos dentes, e apesar de levar tarefa de toda a forma e feitio, nunca ficava mal. Claro, ela era a protagonista, e às protagonistas não acontece nada de mal, pensava eu. Até que, num tiroteio, recebeu uma rajada de metralhadora e morreu.

Foi tão de repente que chorei uma tarde inteira como uma madalena, e o Tim dormiu durante uma semana na cama dela, porque tinha pesadelos. Coitado do miúdo, foi muito forte ver a sua própria mãe crivada de balas no ecrã da televisão.

Ninguém imaginava que a personagem de Eva Tuixent ia acabar assim, de uma forma tão brusca. Nem a mãe, porque os produtores não a tinham avisado, e ela só soube que a iam cobrir de tiros no próprio dia em que leu o guião. A princípio pensou que só tinha ficado ferida, mas quando viu o seu funeral na televisão teve de aceitar que a Eva Tuixent tinha passado à história. No dia anterior era uma

heroína da televisão, no dia seguinte estava morta e enterada. Muito forte.

Ficou sem trabalho, claro. E eu creio que também ela morreu um pouco, porque depois da Eva Tuixent não voltou a fazer nada de jeito: anúncios de detergentes, duas peças de teatro como atriz secundária, muitas figurações mal pagas e pronto.

Mas os miúdos da turma acreditam que ela ainda é famosa, chamam-lhe Eva Tuixent, perguntam-lhe onde guarda ela a pistola e pedem-lhe uma *selfie*. Por isso, quando quero que eles se calem, distraio-os com a cantilena da mãe atriz. Isto há já dois anos.

— Olívia! Podes ir um momento à direção, por favor? O diretor quer falar contigo.

Foi Empar, a Coordenadora de Ciclo, que disse isto, uma professora de Matemática tristonha, como todas as professoras de Matemática.

A turma inteira virou-se para me ver — não sei porque é que todos olham para quem é chamado pelo nome —, e fiquei corada que nem um tomate. Não consigo evitar, acontece-me sempre que dizem o meu nome. Não é que eu seja tímida, tenho muitas coisas para dizer e para perguntar, mas se olham para mim antes de abrir a boca, sinto um calorzinho no rosto e sei logo que o calor se vai transformar num ardor intenso, sempre a aumentar até eu parecer um semáforo.

Lembro-me de que isto me aconteceu pela primeira vez quando entrei na nova escola e a Mireia Boixeras, que se

sentava ao meu lado, me perguntou como se chamava o meu pai. Eu tinha 6 anos e não sabia. De facto, eu não sabia sequer onde ele vivia, porque em casa nunca se falava dele. E para ser franca, nem me lembrava da cara dele. Então, a Mireia apontou-me o dedo e disse bem alto para todos os meninos que eu, a nova, nem sabia o nome do meu pai e era tonta. Riram-se todos, e eu fiquei vermelha que nem um tomate.

Naquele mesmo dia, a mãe explicou-me que o meu pai se chamava Filippo Tancredi, que era um jornalista italiano, que eles os dois se tinham conhecido numa viagem, e que ele vivia muito longe, na Ásia, a fazer reportagens e a escrever crónicas de país em país. A mãe mostrou-me umas fotografias do meu pai, de anos atrás, e disse-me que ele era muito bonito e muito simpático, e que ela vivera muito pouco tempo ao lado dele, mas muito feliz. Suspirou e disse-me baixinho, como se fosse um segredo, que talvez um dia ele nos viesse ver, porque não conhecia o Tim.

O meu pai não voltou, e reconheço que fico com muita vergonha quando me perguntam por ele. A Aina, que é filha de psiquiatras, disse-me que o que eu tinha era um trauma infantil. Zanguei-me e nunca mais quis brincar com ela. Mas às vezes penso que ela não devia estar muito errada, e que eu não cheguei a ultrapassar o facto de ter um pai ausente. Talvez seja por isso que sempre que os meus amigos falam dos seus pais, sinto uma tristeza de tarde de chuva e muita vontade de chorar. Nessas alturas levanto-me discretamente e vou-me embora.

Não sei se sinto a falta dele, mas acho estranho que todos os meninos e meninas tenham um e eu não. E talvez eu queira chorar porque não tenho recordações e não consigo dizer nada acerca dele. Não posso resmungar por ele ser um chato como o pai do Arnau, nem um sabichão como o pai da Núria, nem um brincalhão como o pai dos gémeos López. Talvez a Aina tenha razão, talvez eu esteja traumatizada, e por isso coro sempre.

A mãe não consegue compreender. Claro, ela é atriz e está habituada a atuar diante do público. Para ela é muito fácil levantar-se a meio de uma reunião de pais e protestar porque só temos meia hora de recreio, ou dizer uma piada e fazer rir toda a gente. Eu sou a outra face da moeda. Caladinha e discreta, procuro que não olhem muito para mim. Muitas vezes acham que sou antipática e tenho a mania ou... que sou tímida. Vejam só!

Levantei-me, acanhada, e fui a correr ao gabinete do diretor, tentando que os meus colegas não se apercebessem do meu sufoco. Passei pelas casas de banho e lavei a cara com água bem fria até voltar a ter um ar normal. Depois, respirei profundamente e bati à porta do gabinete do diretor.

Eu não estava nada calma. Estava mesmo ansiosa. De certeza que os professores lhe disseram que sou uma mentirosa e que inventei a desculpa da eletricidade para não fazer o trabalho de casa que me pediram. No 6.º ano pressionam-nos muito com a cantilena de que para o ano iremos para o terceiro ciclo.

— Entra, entra, Olívia. Senta-te.

O diretor já é velho, ou parece, porque tem todos os cabelos brancos e a pele enrugada como uma passa. É um homem seco e sério que ninguém conhece pelo nome e que, quando acontece alguma coisa grave, serve para ralar com as crianças e assustá-las.

Sentei-me com os olhos no chão, para não ficar vermelha, e esperei pela descompostura. Mas ele não atacou como um *bulldog*. Em vez de ralar comigo, tossiu duas vezes, como se não soubesse muito bem como começar e, tentando fazer uma voz muito amável, perguntou-me:

— A tua mãe está bem?

A pergunta era tão surpreendente que levantei logo os olhos.

— O que é que o senhor diretor quer dizer?

— Se ela está bem de saúde, quer dizer, se não está doente.

— Não, não está doente. Porquê?

O homem inquietou-se, tamborilava com um dedo na mesa repetidamente.

— Enviámos-lhe duas cartas e não tivemos resposta. Ainda têm a mesma direção?

— Temos.

— Então não percebo.

— Talvez... talvez o carteiro se tenha enganado na caixa do correio — disse eu, para dizer alguma coisa.

— Ligámos-lhe várias vezes e não nos atende.

— Na cozinha não se ouve o telefone — justifiquei.

— Temos um problema e precisamos de falar com ela. Fiquei meio desconcertada.

— Que problema?

Ele ficou ainda mais nervoso.

— Não é nada, são coisas de adultos. Eu só queria saber se estava tudo bem e dar-te uma nota para lha entregares pessoalmente.

Não gostei nada de receber um envelope para a mãe. Fez-me sentir traidora e má. Quem sabe se queriam fazer queixa de mim? Ou do Tim? Ou da roupa que trazemos? Ou do livro de língua catalã que perdi?

— Dá-lhe isto, está bem?

Levantei-me com o envelope fechado na mão e as pernas a tremer. O homem apercebeu-se de que eu estava um bocadinho assustada e, para desanuviar o ambiente, fez a perguntinha que todos fazem:

— Em que é que a tua mãe está agora a trabalhar?

Dei-lhe a resposta que tenho dado durante todo este ano:

— Nada em concreto. Só encontra pequenos trabalhos.

É uma resposta incómoda. As pessoas pensam que as atrizes passam a vida a fazer filmes e peças de teatro, e que andam rodeadas de *paparazzi* e de fãs, mas isso só acontece em Hollywood. A mãe e muitos dos seus amigos bem procuram trabalho, passam o dia a enviar portfólios às agências e fazem provas de *casting* para todo o tipo de séries e anúncios, mas não conseguem. Dizem-lhes que já não estão na moda, que já são velhos. E oferecem-lhes coisas

muito mal pagas. A mãe disse-me que no último mês trabalhou por 4 euros à hora.

— Bem, dá-lhe cumprimentos meus.

Saí com um sorriso frio, mas em vez de ir para a sala de aula, entrei outra vez nas casas de banho e abri o envelope com muito cuidado, sem o rasgar. *Depois colo-o quando chegar a casa*, pensei. Li-o de seguida e sem respirar.

Cara Sra. Tancredi,

Nos últimos quatro meses, as faturas bancárias da mensalidade e da alimentação dos seus filhos foram devolvidas pelo banco. Pedimos-lhe que passe pela secretaria o mais depressa possível para pôr em dia os pagamentos.

No caso de não responder aos nossos pedidos, ver-nos-emos obrigados a tomar outras medidas.

Atentamente,

A direção

Apesar de estar sozinha na casa de banho, fiquei vermelha como um semáforo.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



Olívia é uma rapariga inteligente e sensível. Mora em Barcelona com a mãe Íngrid, atriz, e com o irmão Tim, mais novo do que ela. Olívia estuda numa escola particular e vive num bairro tranquilo no centro da cidade.

Um dia, a crise que se vive por todo o país chega à casa de Olívia, e tudo se desmorona. Íngrid não consegue arranjar trabalho, as faturas acumulam-se, a luz é cortada e a despensa está cada vez mais vazia. Não tarda até que Olívia e a sua família sejam obrigados a mudar de casa e de vida.

Para proteger o irmão da situação em que se encontram a viver, Olívia inventa um jogo, e convence-o de que estão a atuar num filme secreto e de que nada do que se passa é real.

Num prédio cheio de «okupas» desconhecidos e num bairro que tem tudo para ser assustador, Olívia depressa descobre que a vida está cheia de desafios difíceis, mas também de bons recomeços.

**Este livro conta uma história atual
sobre a importância da família,
da entreatuda e da esperança.**

 <p>imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-873-6</p> <p>11+</p>  <p>9 789897 078736</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---